

# A origem da arquitetura popular dos Açores

GÜNTER WEIMER\*

**Resumo:** Este trabalho examina as características da arquitetura residencial popular dos Açores, suas origens no continente europeu e estabelece as relações desta com a da arquitetura marroquina, em especial, do norte deste país.

**Abstract:** This paper analyzes the popular residential architecture characteristics of the Azorian islands. The origin in european continent and the relationship with the Morocco architecture, specially with north Morocco, were also evaluated.

**Palavras-chave:** Arquitetura popular açoriana. Arquitetura popular portuguesa. Arquitetura popular marroquina.

**Key words:** Popular architecture of Azores. Popular portuguese architecture. Popular architecture of Morocco.

---

Apesar de sua importância e significado, os estudos sobre a arquitetura da imigração açoriana<sup>1</sup> no sul do Brasil ficaram muito aquém daqueles que trataram de outras correntes

---

\* Arquiteto pela Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em 1963; Especialista em Desenho Industrial pela Hochschule für Gestaltung, de Ulm/Alemanha, em 1967; Mestre em História da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em 1981; Doutor em Arquitetura pela FAU da Universidade de São Paulo (USP), em 1991. Coordenador do Departamento de Teoria e História da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da PUCRS.

<sup>1</sup>Há quem conteste este conceito, pois quando a mesma se processou tanto os Açores como o Brasil faziam parte integrante do território português. Teria sido, portanto, apenas uma migração interna e não uma *imigração*. Esta nos parece ser uma interpretação um tanto limitada devido a muitos fatores como a posterior independência do Brasil, pelo tamanho deste deslocamento que não foi apenas de continente como até de hemisfério e de condição geográfica (troca de ilhas por terra firme) e ainda pelo fato de que numerosos autores brasileiros, portugueses e açorianos assim a têm tratado.

imigratórias, especialmente, da alemã e italiana. Somente o fato de que os ilhéus chegaram três quartos de século antes do alemães e mais de um século antes dos italianos, e, mais do que isso, pela quantidade de descendentes deixados bem como pela importância estratégica das posições que passaram a ocupar, impõe-se um melhor conhecimento de sua presença no Estado e de sua forma de viver.

As razões dessa assimetria talvez possam ser encontradas na relativamente pequena bibliografia existente sobre a arquitetura portuguesa e, ainda mais, pelas dificuldades de acesso aos estudiosos brasileiros às publicações lusitanas e, principalmente, açoritas. A par disso, há uma dificuldade ainda mais profunda naquilo que teria de ser estabelecido no que tange à diferenciação entre a arquitetura do continente e a dos ilhéus. Grande parte dos tratados que pretendem qualificar a arquitetura portuguesa simplesmente omitem a que foi produzida nas ilhas. Parece que a autonomia desejada pelos ilhéus corresponde a consenso entre os continentinos. Arquimedes, o de Mileto, dizia que se tivesse um ponto de apoio, moveria o mundo. Talvez seja exatamente esse o cerne da questão. Falta um sólido ponto de partida para deslanchar a investigação.

A isso ainda devem ser agregadas duas ordens de problemas inerentes à cultura portuguesa. De um lado, estão os preceitos e os preconceitos que constituem os fundamentos de qualquer cultura, e da portuguesa, em particular. A histórica confrontação entre o Portugal cristão setentrional contra o islâmico do sul sempre tem privilegiado o primeiro, que se orgulha de sua condição de vencedor sobre os "infiéis". Em consequência, a balança sempre tem pendido mais para o norte que para o sul. E os estudiosos da filogenia da arquitetura açoriana tenderam a apontar a minhota como seu paradigma. De outro lado, tem-se enfatizado muito a participação das culturas normandas, bretãs e/ou inglesas na formação étnica e cultural dos Açores. Conseqüentemente, seria de esperar que sua arquitetura tivesse absorvido, de uma forma ou outra, algumas características da das daquelas regiões. Por mais que tivéssemos procurado identificar as mesmas na arquitetura das ilhas em visita realizada recentemente, nada de concreto pode ser identificado. Alguns

estudos sobre os nomes que são apontados como sendo de origem daquelas imigrações, demonstraram ser numericamente insignificantes. Em consequência, a cultura trazida pelos imigrantes do norte deve ter sido absorvida pela majoritária, o que explicaria a inexistência de perceptíveis características inglesas ou normandas na arquitetura popular local.

As ilhas foram descobertas no primeiro quartel do século XV, mas sua ocupação começou a efetivar-se apenas por volta de 1440.<sup>2</sup> Como é corrente em regiões de imigração, os novos ocupantes vieram das mais diferentes regiões de Portugal, e trouxeram os mais variados conceitos de arquitetura e de procedimentos construtivos. Da mesma forma, como aconteceu na colonização do Brasil, esse deslocamento não foi homogêneo, e as regiões que forneceram maior número de imigrantes, obviamente, acabaram por condicionar mais profundamente a arquitetura local. Esta, no entanto, não é uma equação aritmética, posto que questões funcionais e de poder de dominação desequilibram os fatores eminentemente quantitativos. Em termos de arquitetura isso significa que a formação básica dos procedimentos construtivos e estruturadores do espaço são de origem diversificada, o que dificulta a identificação das características regionais dominantes da arquitetura do continente que foram mantidas.

Outro fator complicador é o fato de que as condições de vida nas ilhas obrigatoriamente teriam de se adequar ao novo meio, o que implica na adaptação dos procedimentos tradicionais às novas condições ambientais. Noutros termos, a arquitetura teria de passar por um processo de criação inovadora. Daí decorre a necessidade de identificar, por um lado, os elementos de permanência da arquitetura continental e, por outro, as mudanças introduzidas, e que viriam a imprimir características novas que poderiam ser qualificadas como "típicas" das ilhas.

No sul do Brasil, a questão açoriana também tem sido vítima de variados preconceitos. Possivelmente, as naturais

---

<sup>2</sup>JOHNSON, H. B. "A colonização portuguesa do Brasil, 1500-1580". In: BETHEL, Leslie. *História da América Latina*. São Paulo: EdUSP, 1998, p. 242/3.

reações dos habitantes das colônias, quando se armam pela conquista de sua independência, se constituam num meio de *cultura propício à criação de conceitos nada lisonjeiros dos dominadores*. Essa certamente é a origem dos preconceitos por nós alimentados referentes aos lusitanos. Para driblar essa dura realidade, surgiu como alternativa a criação do mito açoriano que pôs-se a criar imaginários ilhéus de características diametralmente opostas aos do continente. Embora as ilhas se constituíssem numa das partes mais pobres e atrasadas de Portugal, a imagem que tem sido divulgada entre nós tem descrito as Ilhas como uma espécie de paraíso imaculado, e que pouco, muito pouco, tem a ver com o continente. Nesse contexto, o mito ou a supervalorização de eventuais influências de imigrações "nórdicas" cai como uma luva. Como exemplos dessa postura, pode-se citar o prédio da Prefeitura de Porto Alegre, oficialmente denominado de "Paço dos Açorianos", quando, na realidade, se trata de uma edificação de inspiração italiana, projetada por um arquiteto nascido e formado em Veneza, construído por ítalo-brasileiro, e com toda a imaginária de inspiração comteana; a "Ponte dos Açorianos" foi mandada construir pelo futuro Duque de Caxias por projeto de seu Secretário de Obras, João Álvares d'Elly, e à imagem de outra construída no Vale da Figueira, na Estremadura; a insistência em apontar os açorianos como fundadores de Porto Alegre, quando, na realidade, apenas haviam invadido a sesmaria da terra onde viria ser fundada a cidade e tivessem sido transferidos para Taquari bem antes da fundação da Capital. Exemplos dessa ordem poderiam ser citados à exaustão.

### Uma primeira aproximação

O estudo da arquitetura regional do extremo sul, desde cedo, nos levou a reunir toda a bibliografia acessível sobre os Açores. Sempre desconfiamos da existência de uma contradição fundamental e inerente em sua produção arquitetônica. Enquanto a arquitetura palaciana tendia muito mais para uma filiação da do norte de Portugal, a popular pendia mais para o

sul. Publicações<sup>3</sup> com belas fotografias aéreas mostravam a predominância de *Strassendörfer* (aldeias-rua) à imagem das que tínhamos visto no Algarve ou no Alentejo. A profusão de casas integralmente caiadas indicava na mesma direção. Mais do que isso, chama especial atenção o largo emprego de muros divisórios de terrenos agricultados funcionando como paraventos, comuns no sul de Portugal, e que são de origem marroquina. Tudo estava a indicar, ao contrário das idéias dominantes, que a origem desta arquitetura tendia mais para o sul que para o norte.

A essa altura, todas estas conjeturas não passavam de impressões, que só poderiam ser aceitas se fossem devidamente comprovadas. Daí ter surgido o sério problema de como poder fazê-lo.

### O material de pesquisa<sup>4</sup>

Após muitas reflexões sobre o modo de poder enfrentar esse problema, veio em nosso socorro uma exposição acompanhada de uma acervo de fichas de levantamentos realizados por arquitetos<sup>5</sup> da Associação dos Arquitetos Portugueses. Durante os meses de verão de 1982 e 83, os mesmos cruzaram de ponta a ponta as ilhas e recolheram um rico material cuja publicação se torna mais do que urgente. Dada a diversidade e complexidade do material levantado, foi necessário limitar o nosso campo de pesquisa em razão do que nos limitamos ao estudo das casas de caráter popular, com um número máximo de cinco comparti-

<sup>3</sup> Entre elas, as de VALDEMAR, António. *Açores vistos do céu*. Lisboa: Argentum, 1998; OLIVEIRA, Álvaro & ABREU, Maurício. *Açores*. Setúbal: Abreu, 1987; LIMA, Diogénia de Bettencourt & GODARD, Daniel Luc. *Os Açores, o paraíso desconhecido*. Lisboa: Bertrant, 1992; RÖNN, Undine von & GRAU, Javier. *Açores*. Rio de Mouro: Everest, 1997; GIL, Júlio. *As mais belas vilas e aldeias de Portugal e As mais belas cidades de Portugal*, entre outras.

<sup>4</sup> Todos os desenhos deste artigo são de autoria de G. Weimer.

<sup>5</sup> Estes arquitetos foram Ana TOSTÕES, Filipe Jorge SILVA, João Vieira CALDAS, José Manuel FERNANDES, Maria de Lurdes JANEIRO, Nuno BARCELOS e Vítor MESTRE

mentos internos<sup>6</sup> posto que as de maior número tendiam à excepcionalidade (palacetes, arquitetura de prestígio, programas complexos, funções combinadas, etc.) e, devido a isso, fugiam do cerne de nossas reflexões. A limitação à arquitetura residencial deveu-se ao fato de ser a mais bem contemplada pelo levantamento, de ser a mais bem conhecida e o programa mais comum.

Nesse levantamento foram encontradas 7 residências de dois compartimentos<sup>7</sup> (9%), 32 de três (41%), 23 de quatro (30%) e 16 de cinco (20%). Estas 78 construções tinham um arranjo em planta baixa na seguinte proporção: 59% em forma linear; 24%, em L; 3%, em T e 13% em X. Isto significa que o programa dominante é o da casa de três compartimentos com arranjo linear.

Mais relevante que esses números foi a constatação de uma peculiaridade notável. Embora estas residências se caracterizassem por ocuparem uma área muito reduzida, seis delas (8%) eram assobradadas; 29 (37%), se constituíam em falsos sobrados, isto é, em construções térreas que aproveitavam o declive do terreno para agregar uma loja, um porão ou um de-

<sup>6</sup> Devido aos dados disponíveis, este número de compartimentos refere-se exclusivamente aos de caráter residencial, não sendo computados os complementares como lojas, porões, depósitos, atafonas, etc.

<sup>7</sup> Wilhelm GIESE cita a existência de casas de um só compartimento que descreve da seguinte forma: *O edifício apresenta um telhado de duas vertentes, muito inclinadas, cobertas de palha e quatro paredes de pedra tosca, sem argamassa, que não são caiadas. A frente e a parte de trás rematam superiormente em triângulos de lados iguais. A parede da frente não vai até o topo; a parte mais alta é formada por tábuas de madeira horizontais. Na parede da frente encontra-se uma porta de tábuas verticais à qual se chega por dois degraus. As paredes laterais são muito baixinhas. O interior é de um só quarto... Encontramos as mesmas construções, bastante grandes e também muito pequenas, em Portela e em Granja servindo de estábulo, palheiros etc.* (A casa rural da ilha do Faial. In: MARTINS, Francisco Ernesto de Oliveira (org.) *Arquitectura nos Açores*. Horta: Governo dos Açores, 1983, p. 42. Por esta citação percebe-se que não se trata de um programa excepcional. Não o citamos no corpo do texto por não ter sido contemplado pelo levantamento dos arquitetos da AAP. MARTINS, Francisco E. de O. admite que estas *cafuas* teriam sido as casa dos açorianos dos sec. XV e XVI (*Arquitectura popular açoriano-brasileira*. Angra do Heroísmo: s. e., 1996, p. 51.

pósito, e isso feito de modo intencional de aparentar a duplicidade de pisos; 21 casas (27%) apresentavam uma elevação em sua volumetria para poder abrigar um ou dois quartos ou, preferencialmente, apresentavam o forro rebaixado de modo a poder incluir um (ou mais) quarto no desvão do telhado, numa forma muito engenhosa, que somente um observador atento pode perceber essa sutileza, quando a vê pelo lado externo. Esse quarto tem o curioso nome de "falsa". Isto significa que, ao contrário da expectativa gerada pelos reduzidos recursos econômicos, as casas "legitimamente" térreas eram somente em número de 22, ou seja, 28% do total.



### O programa típico residencial açoriano

Esses dados permitem traçar as características do programa dominante da arquitetura residencial das ilhas. Segundo MARTINS,

*...as casa foram normalmente... divididas em três compartimentos: ao centro ficava o chamado "meio-da-casa" (quarto de entrada); de um lado, o quarto da cama e, do lado oposto, a cozinha, com um recanto onde se situava a lareira e o forno.*

*A porta de entrada era inteiriça, tinha um postigo e exteriormente meia porta baixa e, às vezes, duas de abrir ao meio.*

*As paredes internas eram construídas em alvenaria de pedra seca de basalto e as divisórias eram de madeira da região, que ficava à vista.*

*O pavimento era de terra batida, ao que se chamava entijolado. Apenas o quarto de cama tinha tecto de forro e o chão coberto dum sobrado de madeira. espaço entre o forro do tecto do quarto de cama e o travejamento da cobertura chamava-se "falsa", ou sótão, e o acesso era feito por uma escada de mão encostado à parede.*

*... Na cozinha sob a chaminé ficava o "lar" e um forno, construído exteriormente contra a parede. Fora já da área da chaminé, havia uma mesa (amassadeira), onde se amassava o pão num alguidar<sup>8</sup> de barro e se preparavam os alimentos antes de os pôr ao lume.<sup>9</sup>*

#### Macedo acrescenta mais alguns detalhes:

*O visitante sempre entrará pelo meio-da-casa, espécie de sala-de-estar, às vezes com piso de madeira e sempre comum tablado ligado à janela principal, onde duas ou três moças ou senhoras sentam-se para olhar a rua, bordar, tagarelar e costurar as peças do vestuário. Pode haver, na parede ao lado da janela, uma cavidade que se chamará agulheiro, caprichoso sistema para guardar a complicada aparelhagem feminina de costurar roupas e fazer arte com as linhas de cores. Na mesma peça haverá mesa e, numa das paredes, a copeira: cavidade com prateleiras para guardar louças e as preciosas lembranças da família... Nesta ordem final abre-se a porta deixando ver a copeira, bem na frente, com seus pratos, seus santinhos e fotografias, pequenas relíquias de toda a família.*

*...A cozinha é semelhante à da casa urbana: forno, lar, trempe e chaminé. Estas chaminés, estreitas, mas com toda a largura do*

<sup>8</sup> O destaque é nosso.

<sup>9</sup> MARTINS, Francisco Ernesto de Oliveira. *Arquitectura popular açoriano-brasileira*. Angra do Heroísmo: s. e., 1996, p. 51/2.

*fogão, são coroadas por tijolos que se aproximam deixando, a cada par, espaço livre para a saída da fumaça; são chamadas chaminés de mãos postas. Além da "copeira" que entre nós foi conhecida como cristaleira e etagère, a trempe, no equipamento da cozinha, e mais o arquibanco (arca e banco), o chão de terra batida e o forno esférico, são elementos que participam da nossa vida evocando o "mobiliário" açoriano.<sup>10</sup>*

Todas essas citações nos alertam para algumas peculiaridades características dos Açores, e que não temos encontrado noutras regiões. A primeira delas está relacionada com a existência da *falsa*, uma sutil solução para locar um dormitório como que para preservá-lo na mais completa intimidade e longe da vista do olhar alheio. A segunda se refere ao forno de pão. Nada de novo em sua construção em forma de cúpula.<sup>11</sup> A curiosidade está em que sua abertura dá diretamente para dentro da cozinha enquanto que, noutras culturas, ele sempre se constitui numa construção à parte do corpo da casa ou, no máximo, nela está encostado. Portanto, seu acesso é sempre exterior. Ao contrário dos Açores, ele está abrigado por um telhado que pode ser uma extensão do da casa ou uma construção totalmente à parte. E, mais do que isso: noutras regiões, ele apresenta uma chaminé no extremo oposto à portinhola de entrada, de modo que o ar entra pela mesma e a fumaça é "sugada" pela chaminé, que a conduz para fora, de modo a não poluir o ar da entrada. Nos Açores não existe uma chaminé nestas condições: como o forno só tem uma abertura, a fumaça tem de sair pela entrada, o que significa que a fumaça tem de ser despejada para dentro da cozinha, que só não é poluída por existir *em toda a largura do forno* uma ampla chaminé em forma de pirâmide truncada des-

<sup>10</sup> MACEDO, Francisco R. de. "Arquitetura luso-brasileira". In: WEIMER, Günter (org.). *A arquitetura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, p. 67/8.

<sup>11</sup> A forma mais comum da construção de fornos é a estrutura de abóbada que se justifica pela facilidade na implantação, por uma extremidade, da portinhola e, pelo oposto, pela saída da chaminé. Como os fornos açoritais não possuem a última, fica perfeitamente justificado a substituição da abóbada pela cúpula: se é verdade que esta dificulta a implantação da portinhola, tem a vantagem de ser estruturalmente mais resistente.

tinada a captar também a fumaça do fogo aberto sob a trempe. Em terceiro lugar, e mais importante, é a divisão interna da casa em três compartimentos alinhados na ordem cozinha/meio-da-casa/quarto-de-cama. Essa organização, salvo melhor juízo, não faz parte do repertório formal da assim chama "arquitetura ocidental". Como se percebe, esta casa apresenta características muito especiais e que bem valem uma investigação mais acurada.



CASA TÍPICA AÇORIANA COM "FALSA"

### A procura de relações de semelhança

Há um velho ditado que diz que "nada vem do nada". A lógica seria que esse partido deve ter sido trazido do continente. Portanto, seria de esperar que essas formas também pudessem aí ser encontradas. Todo o esforço na procura desse vínculo foi em vão. Até mesmo no levantamento da Associação de Arquitetos Portugueses, publicado sob o título *Arquitectura popular em Portugal*<sup>12</sup> nada foi encontrado.

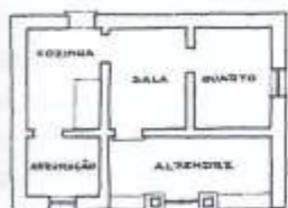
Não achando o igual, passamos a procurar o semelhante. O primeiro indicativo encontramos na "casa alpendrada" referida por Moutinho.<sup>13</sup> Todavia, essas casas apresentam uma

<sup>12</sup> AMARAL, Francisco Keil & cols. *Arquitectura popular em Portugal*. Lisboa: Associação de Arquitetos Portugueses, 1988, 3 vols.

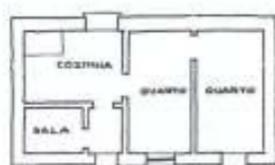
<sup>13</sup> MOUTINHO, Mário. *A arquitetura popular portuguesa*. Lisboa: Estampa, 1979, p. 101. A semelhança destas casas com exemplares da arquitetura da imigração alemã no Rio Grande do Sul levantaram a hipótese de que esta organização talvez pudesse ser originária da cultura germânica por via das

entrada pela frente, pela "sala", e outra, por trás, na cozinha, no que ela se distingue da açoriana.

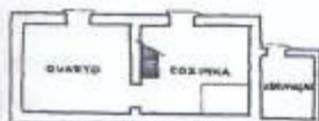
O mesmo autor ainda apresenta uma casa denominada "de saloio" ou "saloiã", que se caracteriza por uma cozinha e uma sala ou quarto no térreo e outro quarto superior acessível por escada a partir da cozinha ou da sala. Aspecto nada desprezível é o fato de que essa casa apresenta uma entrada apenas, e pela frente, à semelhança do que acontece nos Açores. Além do mais, o quarto superior apresenta alguma semelhança com a "falsa" açoriana. Ao lado da cozinha e com acesso externo, essa casa apresenta um espaço destinado à "arrumação" ou ao forno. Pelo levantamento da AAP<sup>14</sup>, sabemos que essas casas se localizam na ponta da Estremadura, nas redondezas de Lisboa e Sintra. Pelo mesmo, percebe-se que essas casas também podem apresentar um forno de pão anexado à cozinha, abrindo diretamente para seu interior.



CASA ALPENDRADA



CASA SIBATE JONA



CASA SALOIA

invasões suevas ou suabas, à época da decadência do Império Romano. Investigações posteriores demonstraram a inconsistência desta hipótese.

<sup>14</sup> AMARAL, Francisco K. & cols. *Arquitetura popular em Portugal*. Lisboa: Associação de Arquitectos Portugueses, 1988, p. 213, vol. 2.

Estanha palavra: *saloio*. Se é completamente desconhecida no Brasil, parece que é relativamente comum em Lisboa, onde, salvo melhor juízo, tem o significado de "colono", "caipira" ou "tabaréu". Para nossa surpresa, ela é de origem árabe, ou melhor, do árabe vulgar, segundo o dicionário do Aurélio. Ou talvez, berbere. *Çahrôt*, em sua forma original, tem o significado de "habitante do deserto".

O autor ainda cita uma terceira tipologia com as características procuradas: a casa ribatejana. Nela, dois quartos ocupam uma das extremidades da casa e na outra há um conjunto cozinha/sala. Esta forma de distância da casa açoriana pelo fato de ter uma janela no lugar da porta e duas portas no lugar das janelas. Além do mais, apresenta uma saída pelos fundos. Convém assinalar que os três tipos de casa apresentam avantajadas chaminés em forma de tronco de pirâmide, à semelhança das *chaminés de mãos postas* açoritas.

Mais para além, o mesmo autor ainda cita dois tipos de casas de interesse para esta investigação, que são endêmicas no Algarve. A primeira, é por ele denominada de "casa de pescadores", que se caracteriza por ser contida por duas paredes laterais que sustentam o telhado e, internamente, ela apresenta uma sala na frente e uma cozinha nos fundos. Entre esses dois espaços, e separados por paredes de meia altura, se encontra uma ou mais alcovas.<sup>15</sup> Por vezes a ligação entre a sala e a cozinha é feita por meio de um corredor, mas o mais comum é que ela seja feita através das alcovas mesmo. Característica básica dessas casas é a apresentação de uma porta e uma janela na fachada principal e de uma porta que liga a cozinha ao pátio dos fundos também denominado *alfurja*. Em alguns casos, nesse pátio há uma escada que leva à cobertura que, então, é plana e recebe o

<sup>15</sup> Esta tipologia é muito comum no sul do Brasil onde recebe o nome de "casa de porta e janela". Temos encontrado numerosas referências sobre a "origem" açoriana destas casas. Da mesma forma como se tem, falsamente, atribuído "origem açoriana" a diversas cidades e edificações, também inventaram semelhante atributo a estas casas. Isto se constitui no mais completo absurdo. Em nossa visita aos Açores não encontramos uma única casa que apresentava estas características. Tampouco o levantamento feitos pelos arquitetos da AAP apresentam um único exemplar.

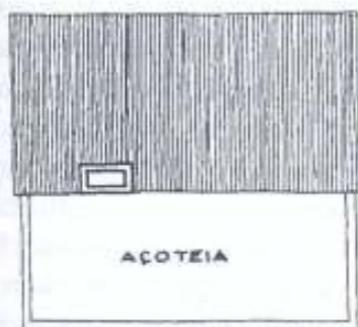
nome de *açotéia*. Importante é que essas casas se caracterizam por serem meticulosamente caiadas (por vezes, até mais de uma vez ao mês), fato que estabelece uma relação direta com os procedimentos adotados nos Açores. Todavia, essas semelhanças contrastam com algumas diferenças que induzem a reservas quanto a uma influência direta sobre as casas dos ilhéus: primeiro, porque a ordenação dos espaços é diversa (sala-dormitório-cozinha, no continente, e dormitório-sala-cozinha, nas ilhas); segundo, porque a disposição é diferente (com as aberturas de acesso nas extremidades, no continente, enquanto nas ilhas as mesmas se encontram na fachada maior); terceiro, porque as casas no continente se caracterizam por serem urbanas e as das ilhas, preponderantemente, rurais; e, quarto, porque quando as mesmas são geminadas, o são pela face mais larga, no continente, e pela face mais estreita, nas ilhas. Tudo isso demonstra que eventuais influências terão de ser mais longínquas ou remotas.



CASA DE PESCADORES



CASA RURAL ALGARVIA



Isso não aconteceu com a segunda tipologia referida. É chamada de "casa rural algarvia", que se caracteriza por apresentar dois quartos na frente de casa, separados entre si por um corredor que abre para a rua, e conduz à cozinha que se encon-

tra nos fundos, ao lado da sala. A cozinha e, por vezes, também a sala apresenta(m) porta(s) para o exterior. Via de regra, uma escada implantada na cozinha leva a uma açotéia que ocupa a metade dianteira da cobertura. A segunda metade é coberta por telheiro. Na composição volumétrica dessas casas se destaca a presença de uma chaminé de esmerado acabamento plástico em seu coroamento superior, que, todavia, apresenta preferencialmente a forma circular, de um tronco de cone ou de cilindro. Essa tipologia de casa também pode ser encontrada amiúde nos Açores, porém sem as açotéias e apresentando o característico forno de pão se projetando para fora do volume da casa, a partir da cozinha, em oposição às Algarvias, onde isto não ocorre. Não é sem surpresa que se constata que exatamente as casas açoritadas que apresentam esta tipologia são aquelas que apresentam a peculiaridade de terem chaminés em forma de tronco de cone e não de prisma, que se constitui na forma dominante nas ilhas. Essas diferenças, no entanto, são tão pouco significativas que podemos pressupor que essa tipologia foi transferida e adaptada nas ilhas, ainda que ocupem uma posição minoritária dentro do somatório das construções.

É importante aqui assinalar o emprego, nessas casas, de diversos termos de origem árabe, tais como: a) *alfurja*, derivada de *al fujra*, que é a denominação dada a esses pátios internos ou cercados de altos muros em toda a periferia; b) *açotéia*, derivada de *al soTaihâ*, nome pelo qual se identificam os terraços ou eirados que cobrem as casas marroquinas; c) *alcova*, derivada de *al qubba*, que significa "abobado", e, em Portugal, pequeno quarto fechado, sem iluminação externa e de precária ventilação, que serve de dormitório, especialmente para as mulheres. Portanto, dizer-se *dormir na alcova*, em sua origem remota, significava *dormir no abobado*. Sem dúvida, uma associação bem estranha!

A aquisição, por nossa parte, do inventário realizado pela AAP<sup>16</sup>, veio a acrescentar alguns dados importantes a esta investigação. O mesmo aponta para uma variante das casas construídas na costa atlântica, no entorno para norte e sul de

<sup>16</sup> AMARAL, Francisco Keil & cols. *Arquitetura popular em Portugal*. Lisboa: AAP, 1988, 3 vols.

Figueira da Foz, chamadas por Moutinho<sup>17</sup> de "casas de madeira", devido ao material de que são construídas. Pelo fato de serem erguidas nas praias arenosas para o abrigo de pescadores são construídas sobre palafitas (de madeira ou alvenaria). Em sua organização interna, apresentam uma disposição que interessa para o presente estudo: a casa dispõe de uma sala central, que dá, em um dos lados, para a cozinha e, pelo oposto, a um ou dois quartos. Essa disposição funcional é semelhante à encontrada nos Açores, fato que se acentua por apresentarem uma chaminé de pedra para captar a fumaça oriunda de fogo aberto (todavia, sem forno).



Essa mesma tipologia também é encontrada na serra da Arrábida (!), que tem uma das extremidade morrendo no Tejo, bem diante de Lisboa. Essas casas se caracterizam por serem térreas, com paredes externas de alvenaria, mas conservando as divisões internas de madeira. Além disso, essas casas apresentam um forno de pão colado (adssado, na língua falada em Portugal) à parede da cozinha, porém a abertura do mesmo se dá pelo lado de fora da casa.

Em terceiro lugar, as casas denominadas por Moutinho de "casas alpendradas" localizam-se em faixa paralela às "casas de madeira", entre a Beira Baixa e o Litoral, numa região denominada de Mata Mourisca (!), e podem apresentar um forno de pão junto à cozinha e, mais do que isso, que se abre diretamente para dentro dela - como nos Açores!

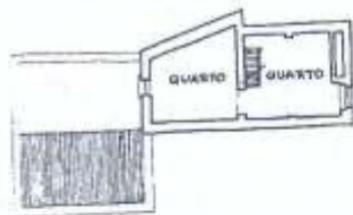
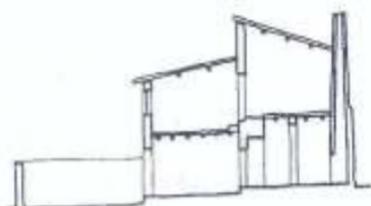
<sup>17</sup> *Op. cit.*, p. 89 e 98/9.

O inventário da AAP também apresenta algumas tipologias alentejanas de interesse para este estudo. Entre Alter do Chão e Arronches foram encontradas casas impecavelmente caiadas, que apresentam uma entrada pela cozinha, em pé direito duplo, que dá, na parte dos fundos, no mesmo plano, a uma sala de pé direito rebaixado e sobre a qual foi arranjado o "esconderijo" de um ou dois quartos, aproveitando o desvão do telhado e com uma ventilação muito discreta através de uma ou duas pequenas janelas voltadas para as laterais. Ressalte-se o cuidadoso arranjo de uma imponente chaminé implantada sobre a divisa com a rua, como um amparo visual da parte mais elevada do telhado, onde se encontra(m) o(s) quarto(s).

Mais ao sul, no entorno de Monsarraz e Mourão, são encontradas casas que alinham, em planta baixa, no térreo, cozinha-sala-alfurja. Adossada à parede que separa a cozinha da sala, há uma escada "escondida", que leva a dois quartos superiores. A única abertura da cozinha é a porta de entrada que se encontra ao lado do fogão que dá uma monumental chaminé usada como elemento plástico na composição da fachada.



CASA ALENTEJANA I



CASA ALENTEJANA II

Soluções semelhantes também são encontradas desde os arredores de Moura e Serpa até os baixos do rio Guadiana, antes de o mesmo se tornar a fronteira com a Espanha. Por essa região, especialmente, nos arredores de Beja, é encontrada uma solução muito particular para o forno: o mesmo abre para um espaço coberto e específico que não tem as características de uma cozinha, posto que abre diretamente para o exterior e está localizado afastado dela. Seria legítimo dizer que se trata de uma padaria, embora pareça não ser este o nome atribuído e este compartimento. Apesar desta diferença, as características do forno são comuns com a encontrado nos Açores: a estrutura de uma cúpula com uma única portinhola de alimentação/exaustão dando para dentro do compartimento, sob uma chaminé larga e que cobre toda a frente do forno.

### Interpretação dos dados

Como foi dito no início, desde cedo nos pareceu que a origem das casas populares dos Açores tinham muito mais a ver com o sul do que com o norte de Portugal. Nesse contexto, a importância plástica assumida pelas chaminés também teve papel relevante na construção desta hipótese.

O texto de GIESE<sup>18</sup> veio ao encontro de nossa hipótese. Segundo esse autor, as casas térreas do Faial seriam aparentadas com as do sul do país e de origem bérbere. Refere-se também às *casas de saloio*, às quais também atribui origem berbere. Para o autor, *a casa das Ilhas vem essencialmente da casa algarvia e alentejana* (p. 43). Embora concordássemos com a idéia, esta última afirmação merece um reparo. Ainda que a conjugação forno-fogão sob uma grande chaminé fosse comum às regiões assinaladas, as casas algarvias se caracterizam por apresentar uma chaminé cilíndrica. Nessas condições, a vinculação com o continente se daria através das casas alentejanas. Porém, a denominação *salioio* nos pareceu ser restrita à Estremadura, o que veio a

<sup>18</sup>GIESE, Wilhelm. "A casa rural da ilha do Faial". In: MARTINS, Francisco Ernesto de O. *Arquitectura nos Açores - Subsídios para seu Estudo*. Horta: Governo dos Açores, 1983, p. 42/6.

ser confirmado pelo levantamento na literatura técnica. Portanto, a hipótese de que as casas das ilhas fossem *essencialmente* alentejanas, ficou prejudicado.

### *Intermezzo terminológico*

Pelo levantamento realizado na bibliografia disponível, verificou-se que os autores se esquivavam, sempre que possível, em identificar a origem das construções e de seus elementos constituintes. Por vez, referem-se *a influências árabes*; noutras, *a origens mouras*, ou ainda, *a ascendência berbere*. Por aí se estabelece uma não desprezível confusão terminológica: aparentemente *berbere*, *árabe* e *mouro* não passam de sinônimos. Se este fosse o caso, por que usar termos tão diferentes?

Na realidade, conforme se verificou, cada um desses termos tem um significado distinto. Por *berbere* entende-se a população majoritária do atual Marrocos, oeste da Argélia e do norte da Mauritânia, constituída de cerca de 40 tribos diferentes, que têm uma origem comum e falam dialetos assemelhados. Suas origens são controvertidas. Por serem de tez branca, devem ter uma origem remota européia. Esses povos foram islamizados por ocasião da grande expansão do maometismo pelos *árabes*, que se impuseram como etnia dominante no noroeste da África, no assim chamado *Magreb*, ou seja, da terra-do-sol-nascente. Com a substituição dos Omíadas pelos Abássidas, os primeiros se refugiaram no Magreb (nome sob o qual é conhecido o país Marrocos, em árabe) onde se constituíram na classe dominante em uma sociedade discriminada entre "árabes" (dominantes) e "berberes" (dominados). Esta situação ainda persiste hoje.<sup>19</sup>

Com a conquista muçulmana da Península Ibérica a partir do noroeste da África, os problemas de dominação ali existentes foram levados para o continente europeu. Nessas condi-

<sup>19</sup> É importante assinalar que toda a história do noroeste da África - e, por extensão, na Península Ibérica durante todo o domínio muçulmano - é o resultado das tensões, por um lado, dos Omíadas contra os Abássidas e, por outro, dos árabes contra os nativos bérberes.

ções, os Omíadas reservaram para si os territórios centrais, por eles denominado de *Ándalus* (de onde derivou a atual denominação de Andaluzia), e deixando a periferia para os berberes. Foram estes que se estabeleceram, entre outros, no *Gharb al-Ándalus*, isto é, no ocidente da Andaluzia, como era denominada a região ocupada em Portugal. Noutros termos, é importante assinalar que, se a cultura dominante em *al Gharb* (de onde derivou a palavra Algarve<sup>20</sup>) era árabe por imposição dos dominadores, materializado pela utilização oficial da língua do Alcorão e pelo poder exercido pelos administradores Omíadas, mas a massa da população era berbere<sup>21</sup> e foi a sua cultura que constituiu a base da cultura popular do sul de posterior Portugal.<sup>22</sup> Esta divisão veio a originar uma diferenciação cultural interna que TORRES & MACIAS classificam em Portugal Mediterrâneo, de ascendência islâmica, ao sul, e outro, Atlântico, de origem cristão, ao norte.

Bem, e onde entra a palavra *mouro*? Os dicionários dizem que mouro é o qualificativo dos habitantes da Mauritânia. A partir dessa perspectiva, especular sobre a presença de povos originários daquele país na Península seria um equívoco. Porém, na antigüidade, entendia-se por Mauritânia todo o noroeste da África. Com a sucessiva independência dos países da região (Tunísia, Argélia e Marrocos), a Mauritânia atual é o que sobrou dos sucessivos desmembramentos. Neste sentido, falar na *invasões mouras* na Península é um equívoco histórico. A insistência no emprego do termo, portanto, deve ser debitado na conta da tradição. Hoje, porém, em consequência dos desdo-

<sup>20</sup> Convém aqui assinalar que o significado de *al-Gharb* é diferente de Algarve: enquanto o primeiro termo significava todo o território dominado pelos berberes no ocidente, i. é., Portugal, Algarve designa apenas a região mais ao sul de Portugal.

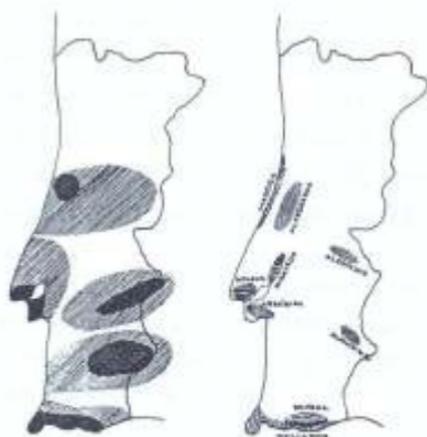
<sup>21</sup> Neste contexto é importante assinalar que a língua falada pelos bérberes em seus diversos dialetos, ainda hoje é ágrafa o que trás imensos problemas para o estudo da terminologia de origem norte-africana em Portugal. É muito provável que a maioria dos termos dados como sendo do "árabe vulgar" sejam, na realidade, berberes.

<sup>22</sup> TORRES, Cláudio & MACIAS, Santiago. *O legado islâmico em Portuga*, Lisboa: Circulo de Leitores, 1998.

bramentos históricos na Idade Média, esta terminologia está amplamente superada e deveria ser evitada. No âmbito na cultura ibérica, no entanto, o termo *mouro* deve ser entendido como sinônimo de *bérbere*.

### Uma tentativa de interpretação

Na procura por uma explicação para soluções assemelhadas em território relativamente disperso, nos empenhamos no estudo da cultura islâmica da Península. TORRES & MACIAS<sup>23</sup> apresentam um mapa em que assinalam as zonas de mais intensa islamização e as respectivas áreas de influência periféricas. A partir daí, procuramos examinar se havia uma correspondência das tipologias levantadas com as regiões islamizadas. Não foi sem surpresa que constatamos que todas as tipologias - com uma só exceção - se enquadravam nas zonas islamizadas e, na maioria, nas de mais intensa islamização. A exceção foi a das casas encontradas entre Alter do Chão e Aronche. No entanto, como esta região fica muito próxima à área periférica do Alentejo, a discrepância parece ser pouco relevante.



ZONAS DE MAIS INTENSA  
ISLAMIZAÇÃO SEGUNDO  
TORRES & MACIAS

LOCALIZAÇÃO DAS  
CASAS MENCIONADAS  
NO TEXTO

<sup>23</sup> TORRES & MACIAS. *op. cit.* P. 18.

Isso evidencia que o vínculo que unia todas essas casas era exatamente a islamização.

Mais do que isso. Oliveira assinala outra característica comum a todas essas casas: as avantajadas chaminés. Seu tamanho é tão relevante que suas dimensões *ultrapassam decididamente a sua função e representam o principal ornamento dos edifícios sobre que incide o espírito inventivo dos construtores locais*.<sup>24</sup> Mesmo casas modestas não as dispensam. Segundo o mesmo autor, para construí-las, cada construtor primeiro perguntava ao proprietário *quantos dias quer de chaminé*. Para ele, essas chaminés apresentam acentuado cunho oriental, em que pretende encontrar *reminiscências dos minaretes muçulmanos*. É evidente que as chaminés pouco ou nada têm a ver com os minaretes, mas a situação faz sentido por definir *que oriente o autor tinha em mente*. Além disso,

*A casa do sul é uma casa térrea, feita de materiais leves e de grande plasticidade, que permite todas as fantasias de estilo e que funcionam ao mesmo tempo como isoladores do calor, rebocadas e caiadas exterior e interiormente, com poucas janelas, muitas vezes mesmo apenas com a porta da entrada na fronteira, incluindo na sua estrutura arcos de tijolo e, por vezes mesmo abóbadas; e com telhados de duas águas ou terraços (que no norte da África se vêem mesmo em substituição daquele) e pavimento de terra, calçoto ou, preferencialmente, tijolo ou ladrilho...*

*A cozinha... pode também considerar-se a divisão principal da casa, a um tempo cozinha, sala de estar, de trabalhar, onde se recebe quem chega de fora etc. A lareira é normalmente ao nível do solo, (ou) numa banquetta de tijolos... com cerca de 60 cm de altura, rebocadas e caiadas, que, com as cantareiras, forma conjuntos muito pitorescos e harmoniosos. As lareiras são sempre abrigadas pela chaminé... Em todas as chaminés em que o fogo arde à vista, para que o calor não deteriore as paredes, de materiais pouco resistentes, existe uma laje de espessura média, de tijolo, ardósia, granito ou calcário, que faz o papel de solador; ...a esta peça dão o nome de «trafogueiro», «boneca» e ainda «sempre-noiva». Essas «bonecas» são, por vezes antropomorfas e sugerem a sua filiação nas divindades - Lares - dos Romanos...*<sup>25</sup>

<sup>24</sup> OLIVEIRA, Ernesto Veiga de. *Arquitectura tradicional portuguesa*: Lisboa: Dom Quixote, 1992, p. 155.

<sup>25</sup> *Op. cit.*, p. 153.

Ressalvadas algumas peculiaridades, essa descrição poderia servir para as casas dos ilhéus. Claro que lá as coberturas nas ilhas não têm terraços e o material de construção mais comum é a pedra vulcânica. Porém, a autor dá claras indicações para a origem do nome *lar* para o espaço sob a chaminé, que nas ilhas, e poucas vezes no continente, faz a exaustão da fumaça do forno. A razão dessa diferença é óbvia: como nas Ilhas sopra constante e quase interminável vento, a construção de um forno fora da casa se tornaria problemática, fato facilmente contornado com a abertura do mesmo para dentro da cozinha<sup>26</sup>, diretamente sob a chaminé.

Mas as semelhanças não param aí:

*A casa do Sul é sempre rebocada e caiada, exterior e interiormente, geralmente branco... Esta caição, que constitui também um meio de defesa contra a luz e calor, renova-se a cada passo, e é geralmente feita pelas mulheres, constituindo uma das suas fainas domésticas regulares normais; ela acentua o pitoresco da construção, aveludando superfícies, arredondando ângulos, boleando arestas, disfarçando falhas, com a espessura das suas camadas sucessivas, e dá-lhes um aspecto asseado e fresco que contrasta flagrantemente com o que apresenta geralmente a casa do norte.*<sup>27</sup>

Essa citação, no entanto, apresenta alguns problemas no que tange à similitude com as soluções arquitetônicas nas Ilhas. Se a caição das casa é uma característica dominante, ela não é levada a efeito com o afinco das donas-de-casa do continente. Isso se justifica porque aí não há excessos de luz e de calor a serem contidos. Mas o problema mais sério surge com a aplica-

<sup>26</sup> KRÜGER, F. (conf. GIESE, W., *op. cit.*, p. 43) atribui a combinação como uma evolução autóctone das ilhas dos Açores, Madeira e Porto Santo fundamentado em razões climatológicas. Ele não diz quais seriam estas razões mas certamente a questão eólica deve estar à base de suas considerações. Pelos dados levantados, percebe-se que a tese da evolução autóctone dificilmente pode ser sustentada pela existência de soluções semelhantes no continente, o que indicaria no sentido de uma transposição seletiva-funcional do continente para as ilhas.

<sup>27</sup> OLIVEIRA, E. V., *op. cit.*, 151/2.

ção destes procedimentos em materiais diversos. Segundo OLIVEIRA, no sul não existem as pedras duras, em razão do que o material mais empregado seria

*... o tijolo e sobretudo a taipa que se encontra já na Estremadura, mas que na planura alentejana e no Algarve constitui o material característico e mais corrente na edificação local.*

*Com o tijolo, por seu turno, que se combina com a taipa e que, com ela, oferece uma plasticidade que permite todas as fantasias, constroem-se, além de paredes, arcos e abóbadas, nichos e poiais<sup>28</sup>, e sobretudo chaminés de formas ricas e variadas ... É fora de dúvida que a explicação fundamental do uso geral e quase exclusivo destes materiais na construção do Sul está na escassez da pedra ao mesmo tempo que a abundância de terras próprias para a sua preparação que se verificam nestas regiões, uso esse que se apoia na velha tradição arquitectónica local...<sup>29</sup>*

Essas observações parecem ser perfeitamente pertinentes, menos sob um aspeto. Não nos parece *fora de dúvida* que o uso generalizado do tijolo e, principalmente, a taipa possa ser debitado na conta de sua escassez. Nossas observações no local indicam, muito pelo contrário, que há abundância de pedras na região, tanto duras como moles. A literatura técnica sobre a arquitetura portuguesa não nos deixam mentir. A razão do emprego da taipa e do tijolo são, portanto, de outra ordem. O tijolo foi trazido, por via dos dois lados do Mediterrâneo, para Portugal em priscas eras, e a taipa, na forma como vem sendo utilizada, é de origem eminentemente africana, e seu uso é hegemônico em terras berberes. Portanto, seu largo uso não advém de um determinismo geológico, mas de uma opção galgada na tradição e na experiência.

Essa questão é da maior importância para a avaliação da arquitetura açorita, porque aí o material hegemônico é a rocha vulcânica. O restrito uso do tijolo e da taipa poderia encontrar sua explicação no fato de que a terra lodosa, própria para suas

<sup>28</sup> Lugar onde se põe alguma coisa; também assentos de pedra na entrada das casas.

<sup>29</sup> OLIVEIRA, E. V., *op. cit.*, p. 151.

respectivas feitura, é rara, surgindo a pedra como opção mais viável. Ora, se é este o material disponível, seria de esperar que a arquitetura local se identificasse com a do norte de Portugal. No entanto, as evidências demonstram que - embora usando a pedra - as formas dominantes, plásticas e técnicas, se identificam com o sul. Como explicar esta contradição?

Levando em consideração a pobreza econômica das ilhas, seria de esperar que a pedra empregada fosse deixada sem revestimento. Se a opção foi pelo revestimento, interno e externo, é porque essa solução apresentava vantagens. Num sentido mais imediato, poderia pensar-se em razões de ordem funcional. Efetivamente, as pedras vulcânicas são muito porosas, o que propiciaria a fácil absorção da água que abunda, tanto em solo como na atmosfera. A vedação com duas camadas de reboco por cada lado não só vedaria os poros da pedra, como, muito mais do que isso, forneceria uma solução ótima para o isolamento térmico. Observe-se que a opção não foi apenas pelo revestimento simples de argamassa e, mais do que isso, pela caiação.

Outra característica que pouco tem sido referida mas que salta à vista, é a grande parcimônia no emprego de janelas, mesmo que isso traga evidentes prejuízos ao conforto e à utilização. Isso vale especialmente para a face voltada para a rua, onde não é raro elas não existirem, simplesmente, mesmo nas demais fachadas, quando existem, são pequenas e acanhadas.

A experiência nos tem demonstrado que a arquitetura popular jamais desconhece nem faz pouco caso da funcionalidade. Mas ela jamais se restringe a ela apenas. As tradições culturais sempre desempenham um papel preponderante. Por esta razão, somos levados a admitir que a opção por essas formas plásticas e por essas técnicas tenha privilegiado a arquitetura do sul, pelo fato de que a maioria dos imigrantes dos Açores tenham vindo de lá. Ao lado de sua bagagem material, eles levaram todo o tipo de conhecimento que viriam a aplicar nas ilhas.

Claro está que as ilhas não eram o continente. As condições aí encontradas foram outras. Por essa razão, nem todos os conhecimentos foram passíveis de aplicação. Alguns tiveram de ser adaptados. Se a umidade e o vento constante não favoreci-

am a construção externa do forno, e alguns imigrantes traziam a técnica de construí-lo com a portinhola para dentro da cozinha, com excelentes resultados, por que não generalizar essa solução? Se a técnica de cercar os campos por muros de taipa para protegê-los dos quentes e secos ventos saarianos, na forma como era (e é) usado na África setentrional, com excelentes resultados no sul de Portugal, por que não usar essa técnica nas ilhas? Pouco importa, se cá o vento é úmido e lá o vento é seco. O que importa é proteger as plantações do vento, qualquer que ele seja. Se a taipa não é propícia para o uso em clima úmido, proteja-se a mesma com uma cobertura ou, melhor ainda, substitua-se a taipa pela rocha abundante, imune à água e fácil de trabalhar!

Dentro dessa linha de raciocínio, entendemos que a casa "típica dos Açores" faz parte do universo integrante das casas berberes do ocidente andaluz, como a "última flor do *al Gharb*". É fácil entender que hoje se procure a filiação dessa tipologia na casa alentejana ou algarvia pela semelhança da situação em que essas regiões vivem, na atualidade, no que tange ao desenvolvimento sócio-cultural e econômico. Essa, porém, não foi a situação do continente quando foram descobertas as ilhas e realizado seu povoamento. Pelas semelhanças funcionais e construtivas apontadas no início destas considerações, nos parece que a tipologia hegemônica dos Açores se filia mais diretamente às tradições arquitetônicas estremenas, mais distantes das do Litoral da Beira, do Ribatejo e do Alentejo e o mais afastado, ainda, da do Algarve.

### À procura do *missing link*

Depois que a teoria evolucionista darwiniana pôde ser aceita pela ciência ocidental, a procura do elo perdido entre os símios e nossos mais remotos ancestrais tornou-se a obsessão da Antropologia ocidental. Respeitadas as óbvias diferenças desta problemática para com a que estamos tratando, pode-se dizer que a filiação e a identificação da arquitetura dos Açores para com as diferentes regiões da "ocidental praia lusitana" é mais ou menos óbvia; o que falta é estabelecer as características da

origem comum, de "seu" elo perdido. Mais objetivamente, estamos interessados em definir os contornos dessa arquitetura dita "árabe". Essa poderia ser de origem erudita, posto que não é raro que a arquitetura popular se constitua a partir de uma revisão dos conceitos da arquitetura erudita. Porém, como o legado islâmico em Portugal se filiava preponderantemente à cultura berbere, seria de esperar que, com a arquitetura, acontecesse o mesmo. Noutros termos, desconfiávamos que o termo "árabe" servia apenas para ocultar as verdadeiras origens nativas norte africanas. Afinal de contas, as grandes obras da arquitetura ibero-islâmica ficavam na Andaluzia, e nada parecido em desenvoltura e grandiosidade fora deixado em Portugal.

Por mais que tentássemos desvendar esses fatos, percebemos que poucas seriam as chances de fazê-lo a partir de nosso estabelecimento situado noutro continente e noutro hemisfério. Com tal objetivo, programamos uma visita ao noroeste da África.

O circuito turístico oferecido atende muito bem às necessidades de consumo de espíritos sequiosos de lazer, mas pouco tem a oferecer ao estudo e à compreensão dos fatos culturais mais profundos. Não fossem algumas poucas visitas apressadas a estabelecimentos turísticos (restaurantes e museus) instalados em antigas construções residenciais marroquinas, nada teríamos sabido sobre a cultura de morar do Magreb. Imbuídos em nosso papel de turista apressado, tiramos as fotografias possíveis, na vaga esperança de que elas poderiam vir a ser úteis. Nas viagens entre as diversas cidades, passávamos por aldeias brancas, outras nem tanto, e por casas rurais isoladas, cujo aspeto nada tinham a ver com a arquitetura das grandes cidades imperiais. E era justamente nelas que depositávamos nossa maior esperança de desvendar as origens da arquitetura do Portugal Mediterrâneo.

O investimento em material bibliográfico mostrou-se igualmente frustrante: dentre os livros escritos em árabe não distinguíamos um romance de um livro de receitas, e os livros editados em línguas ocidentais apresentam belas fotografias e textos notáveis por sua estremada superficialidade. Não fosse a obra do acaso, na última hora de nosso regresso, topamos numa

livraria madrilena com a obra de OCHOA *La vivienda marroquí*<sup>30</sup>, que veio a responder, pelo menos em parte, às indagações que nos haviam trazido ao continente que, no final de contas, não era tão negro como o haviam pintado.

### A casa "árabe" do norte de Marrocos

Na qualidade de arquiteto da municipalidade da cidade de Tetuan, quando esta fazia parte do Protetorado Espanhol de Marrocos, a autor inventariara um grande número de plantas de casas ditas "árabes", ou seja, da cultura dominante. Essas casas, em sua significativa variedade, nada mais são do que variações em torno de um só e mesmo tema. Sua origem mais remota retorna às primeiras construções de pedra feitas pelo homem, à época da revolução urbana, no Quarto Crescente, cinco mil anos a. C. Trata-se de casas-poço, totalmente fechada em seu exterior, à exceção da porta de entrada, e agenciada em torno de um pátio central para o qual se abrem todos os compartimentos. A história desse partido é bem conhecido no que tange à sua evolução pela costa setentrional do Mediterrâneo. Da Mesopotâmia, se estendeu pela Grécia antiga, para Roma e daí para a Europa ocidental, cujas últimas versões são a casa tradicional da Espanha e os claustros dos conventos cristãos. Bem menos conhecida é sua evolução pela lado sul do Mediterrâneo. Por via da egiptologia francesa, conhecem-se diversos estudos sobre a casa do Egito antigo, apesar de suas representações sempre estarem carregadas pelo imaginário ocidental. Conhecemos apenas um trabalho sobre a evolução desta tipologia durante o Império Romano no Norte da África<sup>31</sup>, com uma desconcertada análise sobre as peculiaridades nos pátios internos rebaixados. Seja como for, parece ser claro que a atual casa "árabe" de Marrocos é o corolário desta evolução, dentro da qual

<sup>30</sup> OCHOA, Alfoso de Sierra. *La vivienda marroquí (Notas para una teoria)*. Málaga: Algazara, 1996.

<sup>31</sup> THÉBERT, Yvon: "Vida privada e arquitetura doméstica na África romana". In: VEINE, Paul (org.). *História da vida privada - Do império romano ao ano mil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989, p. 301/97.

a questão religiosa maometana não pode ser olvidada. Essas casas recebem o nome de *dar*<sup>32</sup>, e quando o pátio dá lugar a um jardim, de *riad*.

Essa casa se compõe de três pisos agenciados em torno do pátio central -denominado *al fujra* -, onde o térreo apresenta três salas em três de seus lados. No quarto há uma parede com uma fonte e, por atrás dela, esconde-se uma escada que leva aos pisos superiores. Sob a mesma estão agenciados os serviços sanitários aos quais o maometismo agregou um conteúdo especial, o da ablução.<sup>33</sup> Num dos lados da escada está o vestíbulo e no outro, a cozinha.<sup>34</sup> A forma como essas três salas se vinculam com o pátio parece evidenciar a influência do *triclinium* romano. Uma dessa salas tem a função específica de sala-de-recepção<sup>35</sup> - o *makad*.

O piso mais alto se compõe de três dormitórios e o vão com a escada. Esses quatro espaços se abrem diretamente para o poço. A fim de permitir a intercomunicação destes compartimentos, o último é cercado por um passadiço em forma de galeria. Cada dormitório tem, numa das extremidades, um nicho em que se encontra a cama, que é fechada por cortinas, durante a noite, forma que deve ter dado origem aos dosséis medievais.

Entre esses dois pisos encontra-se um terceiro, dito *falso*. Seu pé-direito, reduzido ao mínimo, apresenta disfarçadas aberturas para o poço. Inacessível até mesmo ao olhar do forasteiro,

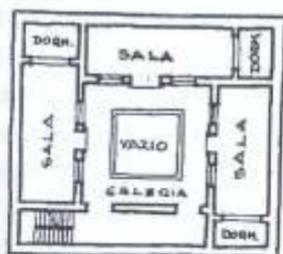
<sup>32</sup> A similitude desta denominação com o "lar" dos Açores seria apenas mera coincidência?

<sup>33</sup> Prescrições de ordem religiosa fizeram com que o vaso sanitário em forma de "bacia turca", uma provável evolução do retrete romano, fosse complementada por uma generosa pia e por um *bidet* para a lavagem da genitália. Isto significa que é improcedente a idéia de que os inventores desta peça sanitária seriam os franceses.

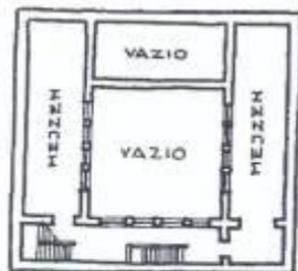
<sup>34</sup> Esta cozinha não deve ser confundida com a ocidental pois ela não serve para a preparação dos alimentos mas apenas para a guarda do trem de cocção. O cozimento dos alimentos é feito em fogareiro cerâmico - o *anafez* - que pode ser levado para os diversos locais de conveniência, preferencialmente, no pátio central para facilitar a exaustão da fumaça.

<sup>35</sup> A rigor, todas as partes da casa servem para recepção à exceção da cozinha, das instalações sanitárias e do gineceu que estão totalmente vetados aos visitantes.

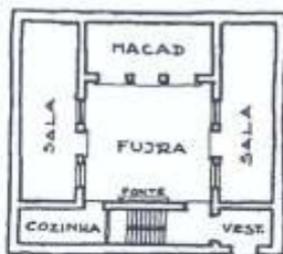
é nele que se refugiam as mulheres sempre que qualquer homem que não for parente imediato estiver em casa. Trata-se, portanto, de um gineceu que recebe o nome de *al mejzen*.<sup>36</sup> Esse é o reino - ou seria a prisão? - das mulheres. É lá que elas exercem seus ofícios, especialmente o de tapeceiras, dormem quando visitantes impedem que elas saiam de seu esconderijo, guardam os gêneros alimentícios.



PISO SUPERIOR



PISO MÉDIO DITO FALSO



PISO TÉRREO

A CASA "ÁRABE"

Apesar das evidentes diferenças que este tipo de habitação apresenta em relação à ocidental, não há dúvida de que ela deixou as marcas indeléveis na arquitetura ibérica. É evidente sua sobrevivência na forma dos pátios internos, especialmente dos palacetes espanhóis. Suas galerias internas podem ser encontradas transfiguradas em alpendres elevados externos em casas portuguesas e brasileiras. Este modo de habitar explica a

<sup>36</sup> De onde deriva a nossa palavra *armazém*.

estranha denominação de *alcova*, tão lusitana e tão árabe: trata-se da sobrevivência de uma terminologia depois de ter sido superada pelas transformações funcionais. De qualquer maneira, a alcova ainda conserva seus ares de serralho, sua reclusão e sua cerceamento mesmo depois de ter deixado de ser escondido sobre a abóbada. Mais do que isso, cremos ter encontrado aí a origem da *falsa* açoriana. Apesar de todas as modificações e adaptações que a casa sofreu nas ilhas, e da limitação dos recursos econômicos, o domínio secular do Islã no sul de Portugal deixou marcas<sup>37</sup> que ainda não foram totalmente descartadas.

Apesar dessas semelhanças, a questão da origem da casa portuguesa-mediterrânea e açorita está longe de ser elucidada, porque a casa "árabe" marroquina apresenta algumas características que se opõem diametralmente às casas na Europa: referimo-nos especialmente à exuberância de sua decoração. Tetos exaustivamente enfeitados por arabescos policromáticos, paredes cobertas de tapetes de alto a baixo e pisos igualmente atapeitados. Ali onde a utilização impede a colocação dos mesmos, os pisos recebem ladrilhos policromáticos. Se entre os tapetes das paredes sobra alguma superfície, esta é revestida com os mais complicados trabalhos em gesso ou rica azulejaria na forma dos painéis alicatados. Impossível imaginar um universo formal mais diverso ao da singeleza do da casa popular lusitana!<sup>38</sup>

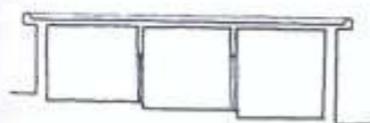
#### A casa berbere marroquina

Lamentavelmente, OCHOA fez pouco caso da arquitetura popular marroquina. Como os berberes ainda hoje estão divididos em cerca de quarenta tribos diferentes, é de esperar que apresentem tipologias residenciais muito diferenciadas. Como funcionário governamental de um território restrito, a

<sup>37</sup> Estas marcas são por demais evidentes na arquitetura colonial brasileira nos gineceus inacessíveis das casas urbanas, na parcimônia do mobiliário doméstico, nos muxarabis das aberturas que davam para a via pública e principalmente na família poligâmica que, à custa da opressão da mulher, gerou a mais espetacular miscigenação de etnias.

<sup>38</sup> No entanto, na arquitetura erudita lusitana este decorativismo deixou seus traços indelévels nas construções barrocas e lhe conferem características peculiares e específicas dentro do universo da arquitetura dito "ocidental".

cuja encargo estavam as questões habitacionais, o autor sentiu-se forçado a apresentar um bosquejo dos tipos de residências berberes de sua comarca. Ao contrário das casas de nômades e semi-nômades da costa mediterrânea, de uso passageiro e de materiais orgânicos, nas encostas da montanha do Rif há um tipo de casa que interessa sobremaneira para o contexto deste trabalho: o *bit*. Trata-se de uma construção na proporção de 1 para 3, em planta, de cobertura de palha ou ardósia, em meia água, ou ainda, preferencialmente, plana, formando um "solarium" chamado *so'taihā* (açotéia). Na forma mais simples, estas casas são edificadas em terreno levemente inclinado, de modo que os três compartimentos internos apresentam pés-direitos diferenciados. A entrada é feita pelo do meio, um misto de vestibulo/sala/cozinha/comedor que dá acesso ao de pé-direito mais baixo, o *dukan* (dormitório) e ao mais alto, o estábulo. Dependendo do grau de cultura, o estábulo pode receber um espaço diferenciado, de acesso externo, junto ao dormitório, quando, então o espaço que ocupava anteriormente é transformado em cozinha. Nesse caso, o piso interno, antes apiloado, é nivelado e revestido de pedra.

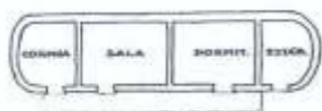


'BIT' DO RIF



As paredes são de pedras rejuntadas de barro ou de taipa de pilão e revestidas de greda branca, isto é, de carbonato de cálcio (giz) quando não há cal disponível no local. Construções impecavelmente brancas, tanto externa como internamente, são características não só das construções rurais, mas de todas as edificações do norte do Marrocos. Aliás, é na brancura de suas paredes que se resume toda a decoração destas construções. É

difícil encontrar uma oposição tão forte entre a arquitetura dos dominadores e dos dominados como esta, no Marrocos.



"RIF" DO RIF



Respeitadas as diferenças de continente, de religião e de clima, seria demasiado esperar maiores semelhanças entre as casas campesinas do Rif com as casas do Portugal Mediterrâneo e seu universo expandido para os Açores. O mais curioso nessa relação é que a maior similitude entre as casas rifenhas com as portuguesas se dá exatamente com as açoritas. Deixando de lado o forno com sua monumental chaminé e a *falsa*, poder-se-ia dizer que a última é uma cópia quase que literal da casa berbere descrita. A agregação da *falsa* debitamos na conta de uma influência da arquitetura erudita muçulmana-ibérica.

Ora, direis: de onde vem o forno e sua chaminé?

Só tomamos conhecimento das casas rifenhas através da obra de OCHOA que não faz qualquer referência a ele. Porém, as "medinas" das grandes cidades berberes, em sua intrincada rede de vielas que desorientam o mais atento dos visitantes estão, em certa medida, organizadas numa espécie de "bairros", em cujo "centro" se encontra uma mesquita (com uma tabuleta proibindo o acesso de qualquer herege), uma bica, um banho público e uma padaria. Não estávamos, na ocasião, suficientemente atentos para examinar a última com a devida atenção. Por isso não sabemos como era a estrutura da fornalha. De qualquer maneira, a padaria se compunha de uma pequena sala (talvez dois por dois metros) onde havia um depósito de lenha com o forno, ao fundo. Diante dele estava sentado o padeiro que se limitava a manter o forno aquecido e, em troca de alguns tostões, assar o pão que era trazido, devidamente preparado,

por jovens donzelas (possivelmente era essa uma das poucas ocasiões em que era permitida a saída de casa) em cima de algumas tábuas cobertas por um pano branco. A abertura do forno não tinha portinhola e a exaustão se processava através dela. Tudo muito parecido com algumas casas levantadas pelos arquitetos da AAP, no Alentejo.

Seja como for, as semelhanças de seus fornos com os do Portugal Mediterrâneo são marcantes, onde a diferenças talvez se estabeleça apenas por seu caráter público na África, e privado, em solo europeu.

### A arquitetura açoriana e o Rio Grande do Sul

Para concluir este trabalho, queremos sublinhar que aqui examinamos apenas as construções residenciais eminentemente populares. Se o desenvolvimento da pesquisa mostrou que o tema se reveste de razoável complexidade, certamente, esta ainda haverá de se potencializar quando generalizada para todas as manifestações da arquitetura açoriana. Aparentemente, a arquitetura palaciana teve uma influência mais marcante da arquitetura atlântica, o que também parece valer para a arquitetura religiosa (excluídos os "impérios").

Isso nos induz a admitir que os Açores devem ter recebido imigrantes das mais variadas regiões do Continente, com preponderância dos sulistas. Em razão disso não podemos cair na tentação de fazer comparações apressadas e generalistas. Eventuais semelhanças entre alguma edificação nos Açores com outra do Rio Grande do Sul ou de Santa Catarina não implicam obrigatoriamente em parentesco direto. É isso, por duas razões. Em primeiro lugar, sem um estudo mais profundo, não se pode dizer que uma determinada obra açorita seja "típica" das ilhas e, em segundo lugar, nada garante que a construção no Brasil tenha sido feita por um imigrante açoriano.

Por tudo isto, somos de parecer que as influências da arquitetura açoriana no sul do Brasil ainda se constitui num livro do qual estamos apenas começando a ler o primeiro capítulo. Qualquer ilação apressada carrega em si o evidente perigo de confundir mais do que esclarecer.